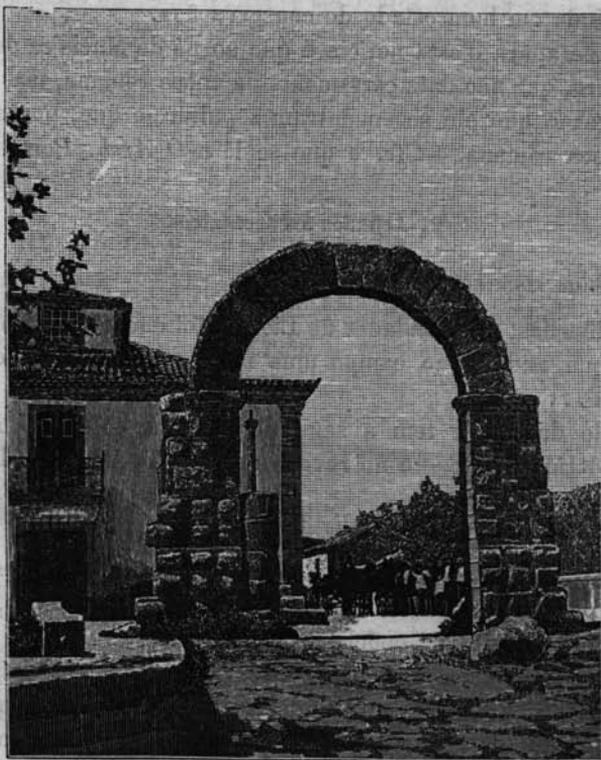


Arco romano de Bobadella

Publicaram-se já n-*O Archeologo Português* várias notícias relativas ás antiguidades de Bobadella: vide vol. II, 311 (extracto das Memorias Parochiaes); vol. III, 221 (extracto do *Dicc. Geogr.* de Cardoso); vol. V, 171 (restituição de uma inscripção romana).



Vide ainda sobre essas antiguidades os seguintes trabalhos:

Memoria historico-corographica do ditricto de Coimbra, por Henrique Secco, Coimbra 1853, pag. 103 sqq., onde o auctor cita, entre outras notícias interessantes, uma oitava do *Viriato Tragico* de Brás Garcia de Mascarenhas, canto IV;

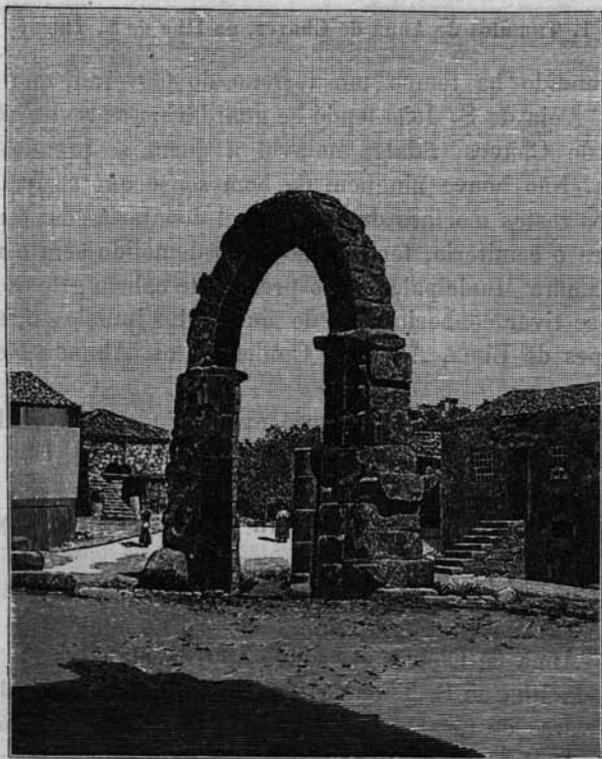
Portugal antigo e moderno, por Pinho Leal, Lisboa 1873, s. v. *Bobadella*, no vol. I, pag. 405;

Relatorio da secção de archeologia da expedição da Sociedade de Geographia á Serra da Estrella, por Martins Sarmiento, Lisboa 1883,

pag. 12-13 e 15-16, com o desenho do arco romano que existe em Bobadella.

Tendo-me o Sr. Francisco Ferreira Loureiro, da Figueira da Foz, offerecido cópia de duas photographias por elle tiradas do referido arco, visto de frente e a $3/4$, aqui publico as respectivas gravuras.

Como ainda não fui a Bobadella, tenho de, para a descripção do arco, me valer do que outros disseram.



Henrique Secco, pag. 103, falla de um arco de muitas columnas collocado no meio da praça da villa. Pinho Leal, pag. 405, diz: «Dentro da villa ainda existe de pé um arco de pedra lavrada, de muita magnificencia e antiguidade, que indica ser porta de muralha». Martins Sarmiento, pag. 16: «O monumento mais bem conservado é um arco romano, defronte da igreja, mas em direcção cruzada com ella. A duzentos passos, para o poente, vêem-se restos de um segundo arco, igual ao primeiro, e de um ao outro corria uma calçada coeva d'elle, que seguia depois em direcções divergentes e mal determinadas, e que,

segundo informações que nos repetiram com insistencia, existe ainda excellentemente conservado quatro palmos abaixo da calçada actual». D'estas breves noticias, a de maior circumstancia é a última. Quanto ás muitas columnas de que falla Henrique Secco, eu não tenho mais noticias que possa dar.

J. L. DE V.

Noticias archeologicas

1. Tumulos de Anna de Chaves, na Ilha de S. Thomé

«Foi vendido ha tempo um terreno do Governo, que incluia as ruinas da Igreja de S. João, onde se guardavam os restos mortaes de D. Anna de Chaves, fidalga notavel a quem se prende a historia d'esta Ilha. Não houve ninguem de bom senso que se lembrasse de trasladar os restos mortaes da respeitavel donataria com o respectivo tumulo para o cemiterio, tendo sido tudo demolido sem o menor reparo da Camara Municipal, a cujo presidente cabem graves responsabilidades, se tiver conhecimento do que muito judiciosamente escreveram Lopes de Lima, Allemão, Cunha Matos, Almada Negreiros e outros.

Nas ruinas da Igreja do Rosario existe ainda um tumulo de Maria Fernandes ou Maria Pires, o qual, naturalmente, leva o mesmo destino.

Chamamos a attenção da Camara Municipal para tão delicado assumpto».

(Folha da Tarde, de 25 de maio de 1900).

Nota. — Anna de Chaves era viuva de Gonçalo Alvares, a quem o almoxarife da Ilha de S. Thomé dera em 4 de maio de 1535 de sesmaria 300 varas de terra e mato maninho de trás da Ilha ao longo do Ribeirão da Lagoa «as quaes se começarão de medir do mar pelo dito Ribeirão a cima com sua testada da mesma largura da terra sairá de ginete dereytamente á serra». Era obrigado a roçar dentro de cinco annos os referidos terrenos. D. João III, conforme a carta registada na sua Chancellaria, liv. 67 de *Doações*, fl. 37 v (no Archivo Nacional) confirmou a Anna de Chaves a concessão em 24 de novembro de 1547. Anna não era nobre. Foi nesta Ilha que Portugal se começou a ensaiar nas grandes culturas tropicaes que tão grande desenvolvimento tiveram no Brasil, para onde tambem transplantou certos termos usados em S. Thomé, como *roça* e *crioulo*. Na bahia chamada ainda hoje de Anna de Chaves está edificada a capital da provincia das nossas reduzidas